

## OS DESAFIOS NA RELAÇÃO ENTRE EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO<sup>1</sup>

Eixo 1- Educação e Comunicação

Fernanda Ribeiro BARROS<sup>2</sup>

### RESUMO

O presente artigo tem por objetivo apresentar algumas mudanças históricas da educação e os desafios que o campo educacional tem encontrado em relação às mídias e dispositivos móveis. Para alcançar os resultados, a pesquisa teve início a partir de um levantamento bibliográfico em que os conceitos de comunicação, cotidiano e mídias foram discutidos. Posteriormente foram considerados dados estatísticos de pesquisas relacionadas ao uso da Internet através dos dispositivos móveis e acesso às redes sociais. Dentre os resultados foi possível constatar que a escola precisa reinventar as práticas pedagógicas possibilitando o diálogo com as mídias e a mediação entre os conteúdos formais e informais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Escola; mídias; cotidiano; mobilidade; reinvenção.

### ABSTRACT

This article aims present some historical changes in education and the challenges that the educational field has found in relation to media and mobile devices. To achieve results, the research started from a literature in which the concepts o communication, quotidian and media were discussed. Late they were considered statistical data queries related to internet use through mobile devices and access to social networks. Among the results it was found that the school needs to reinvent practices pedagogical allowing dialogue with the media and mediation between formal and informal content.

**KEYWORDS:** School; media; quotidian; mobility; reinvention.

## 1 Introdução

Para tratar da relação entre Comunicação e Educação faz-se necessário compreender o processo histórico do seu crescimento e globalização ao longo dos séculos. De acordo com Thompson (2013, p. 113), o processo de globalização da comunicação teve suas origens em meados

<sup>1</sup> Este trabalho é parte da Dissertação de Mestrado - Curtir, comentar e compartilhar: as redes sociais e a sexualidade no cotidiano e formação da escola pública brasileira - defendida pela autora.

<sup>2</sup> Universidade Federal Fluminense - UFF; Mestre em Mídia e Cotidiano-UFF; Educ@midia.com- Grupo de Pesquisa: Educação para as Mídias em Comunicação - UFF ; e-mail: fernandyrb@gmail.com.

do século XIX de uma “forma muito mais extensiva e organizada”. Antes deste período, a comunicação estava nos materiais impressos que eram distribuídos para os mais diversos locais. Entretanto, tudo o que foi organizado na comunicação entre os séculos XIX e XX sofreu transformações, sobretudo em relação às mídias. Segundo o autor, “a recepção dos produtos da mídia é uma rotina, uma atividade prática que muitos indivíduos já integram como parte de suas vidas cotidianas” (Ibid., p. 65).

Deste mesmo modo, Recuero (2009) ressalta a presença central que as tecnologias digitais vêm ocupando, assim como as profundas mudanças que vêm provocando nos diversos setores da vida social. Segundo a autora, os desdobramentos e velocidade têm “sido estonteantes” (Ibid., p. 12). Para Martín-Barbero (2014), nos dias atuais a tecnologia já não é efêmera, ela ultrapassa e singra pelo espaço e no tempo. Com isto, Setton (2011, p. 11) aponta-nos que o fenômeno das mídias é considerado como um fenômeno comunicativo, pois se trata de uma relação que envolve o diálogo entre o emissor e o receptor, ou seja, entre o que transmite e o que recebe.

Para a compreensão do conceito de comunicação, de acordo com Sodré (2012, p. 94), “comunicar é a ação de sempre”. Nela, o sujeito utiliza a linguagem para exteriorizar ao outro o que é parte de sua interioridade. Isto posto, Moran (2007) entende que neste processo de comunicar-se estabelecemos conexões significativas com as pessoas e expressamos também o grau de aprendizagem que somamos enquanto pessoas. Ele acredita que a comunicação “desarma as resistências e provoca, geralmente, uma resposta positiva, ativa e desarmada” (Ibid., p. 87). Sendo assim, considera a importância de termos nas mais diversas instâncias sociais, sobretudo na educação, pessoas que saibam comunicar-se adequadamente numa relação aberta umas com as outras:

Necessitamos urgentemente dessas pessoas para mudar o enfoque fundamental das práticas educacionais, para vivenciar práticas mais ricas, mais abertas e significativas de comunicação pedagógica inovadora, profunda, criativa, progressista. (Ibid., p. 87)

Destarte, para Moran, a educação é compreendida como um processo comunicacional, sendo um espaço de troca e de desenvolvimento de todos os modos de comunicação:

A educação é um processo que facilita a comunicação em níveis cada vez mais profundos e ricos entre todos os participantes, fundamentalmente professores e alunos. [...]. A escola pode transformar-se em um espaço privilegiado da comunicação profunda, rica, aberta, inovadora, crítica; em um espaço de organizar, num clima de confiança, o caos informativo, de ideias, de avaliações que

precisamos enfrentar diariamente. (Ibid., pp. 59-60)

No mesmo sentido que Moran, Martín-Barbero (2014, p. 78) acredita que a educação é o lugar decisivo desta teia comunicacional. No entanto, para tal, a escola deverá ser um espaço de conversação e troca de saberes e narrativas. Para ele, “se comunicar é compartilhar a significação, participar e compartilhar a ação”.

A educação vem sofrendo intervenções significativas da comunicação. No entanto, a avassaladora tecnologia ainda assusta a escola. Adilson Citelli (2004), em seu livro *Comunicação e educação: A linguagem em movimento* aponta-nos um questionamento pertinente a este impasse entre a escola e a comunicação:

Como pensar o sistema educacional, a escola, o discurso pedagógico exercitado nas salas de aula, considerando esse mundo fortemente mediado pelas relações comunicacionais, na sua dupla face de sedução e desconforto? Televisão, videocassete, rádio, computador, ao lado do giz e da lousa. Ritmo e velocidade nas linguagens mediáticas convivendo com a oralidade nem sempre agradável e cifrada numa temporalidade que segue o andamento natural do sistema fonador. (Ibid., p. 16)

Para Sodré (2012), a proposta oferecida pela tecnologia é a reinvenção das práticas pedagógicas e não apenas a modernização das técnicas de ensino. Reinventando a educação com as tecnologias em um relacionamento divergente ao da pedagogia tradicional, redefinindo principalmente o papel do docente, que passará a protagonizar a função de “filtro do conhecimento e da informação” de origem social ou digital. Assim, Martín-Barbero (2014, p. 133) ressalta que:

É nesse novo espaço comunicacional, já não mais tecido de encontros e multidões, mas de conexões, fluxos e redes, onde emergem novas “formas de estar juntos” e outros dispositivos de percepção mediados, num primeiro momento, pela televisão, depois, pelo computador e, logo, pela imbricação entre televisão e internet em uma acelerada aliança entre velocidades audiovisuais e informacionais. Atravessando e reconfigurando as relações com nosso corpo, a cidade virtual não mais requer corpos reunidos, mas interconectados.

Sendo assim, não somente a escola, mas também a política, o trabalho e a família, estão atravessando uma verdadeira crise de identidade. As interações estabelecidas entre os sujeitos através das mídias otimizam entre os adultos e os professores “uma visão apocalíptica dos mais jovens” (Ibid., p. 139). Afinal, está tudo desfigurado; os jovens assumiram características próprias

de uma sociedade atravessada pelas mudanças tecnológicas e é por isso que a escola já não é e não pode ser a mesma e/ou agir do mesmo modo.

Serres (2013) acredita que todo saber que está exterior à escola é visto por ela com uma violação à sua autoridade, por isso a mudança no ensino tornou-se urgente e necessária. De acordo com Martín-Barbero (2014, p. 140), “ou a escola sai de seu campo estreito e se arrisca no labirinto urbano, ou vai ser impossível que se comunique com sua cidade”.

## 2 A escola do século XXI

O “advento da internet trouxe diversas mudanças para a sociedade” (RECUERO, 2009, p. 24). No mesmo sentido, Setton (2011) acredita que diante dos avanços da tecnologia, das técnicas de comunicação, com a sofisticação da publicidade e das mídias, a reflexão sobre o “papel pedagógico” e “ideológico” das mídias tornou-se importantíssimo. Para a autora, até mesmo a nossa relação com o saber se modificou diante das tecnologias:

(...) a rapidez e a simultaneidade da difusão de informações transformaram as formas de aprendizado formal e informal de todos nós; a maior circularidade da informação exige, pois uma forma de pensar sobre os processos de formação do homem da modernidade. (Ibid., p. 22)

De fato, não há um momento exato da vida para adquirir novos conhecimentos. Descobrir e aprender são para todas as idades. Para Martín-Barbero (2014, p. 10), o lugar para o aprendizado pode ser diverso também - “uma fábrica, um hotel, uma empresa, um hospital -, os grandes e os pequenos meios ou a internet”.

Ao analisar a atual realidade da escola, percebemos o modelo escolar de outras décadas ainda muito presente. A própria “visão apocalíptica” dos adultos na escola, em relação à atualidade apresentada por Martín-Barbero indica-nos uma “irritação” à de tudo o que a sociedade do conhecimento apresenta e propõe. Sobre isto o autor afirma:

Mas o paradoxo é que o que mais abunda é uma ardilosa instrumentalização das “novas tecnologias”, para cobrir com ruído e brilho digital a profundidade da crise, que atravessam as relações da escola com sua sociedade, ou o altivo desprezo com que se identifica a mutação (...). (Ibid., p. 119)

Com efeito, a escola ainda não sabe lidar com os novos conhecimentos transmitidos pelas

novas tecnologias e nem incorporá-las como ferramentas metodológicas para o ensino-aprendizagem. Desta forma, para não debruçar-se na instrumentalização mascarada das novas tecnologias, como Martín-Barbero denota, a educação precisaria admiti-las como “produtoras de cultura”. Sobre isto, Setton (2011, p. 14) esclarece:

É também admitir que a cultura das mídias, suas técnicas e conteúdos veiculados pelos programas de TV, pelas músicas que tocam no rádio, ou mensagens da internet, nas suas mais variadas formas, ajudam-nos, juntamente com valores produzidos e reconhecidos pela família, pela escola e pelo trabalho, a nos constituir enquanto sujeitos, indivíduos e cidadãos, com personalidade, vontade e subjetividade distintas.

Logo, a cultura da mídia possui a capacidade de descrever e documentar a história de uma época e sociedade, pois é a partir dela que observamos ideologias e posturas políticas.

São esses valores expressos nas mensagens que nós, como educadoras na modernidade, sistematicamente transmitimos. Para o bem ou para o mal, as mídias transmitem mensagens contribuindo para a formação das identidades de todos. Elas e as escolas, ao mesmo tempo, como todas as outras instituições socializadoras, procuram valorizar ou condenar certos comportamentos e regras. (Ibid., p. 15)

Isto posto, de acordo com Martín-Barbero (2014), a escola só conseguirá interagir com este novo espaço de saberes que as mídias vêm promovendo, bem como com a diversidade de informações das redes de interação social, no momento em que concordar que ambas são parte da cultura atual. A partir do momento em que a educação aceitar esta interferência das mídias como algo que pode ser positivo, e não apenas “apocalíptico”, suas relações serão de parceria, troca de conhecimentos e inovação.

É perceptível que nos mais diversos modelos de escola, a nova realidade não se enquadre mais com as realidades dos séculos passados. A educação tradicional já não é acolhida pelos alunos e também por alguns profissionais da educação como modo de ensino-aprendizagem interessante. Assim, as práticas cotidianas tradicionais, como o autoritarismo do professor, também já não estabelecem sentido neste momento atual. Os alunos esperam novidades no aprendizado escolar assim como encontram novidades nas mídias e novas tecnologias. Martín-Barbero conclui: “Quando é isso o que verdadeiramente está na base dos adolescentes, eles não entendem o que faz a escola e não leem da maneira como os professores continuam entendendo o que seja ler” (Ibid., p. 82).

O autor entende também que o modelo educacional tradicional baseado no aprendizado mediante o uso de livros didáticos ficou obsoleto, no que se refere aos anseios e angústias que temos hoje. No entanto, para o autor, isto não é culpa dos livros em si, mas eles também não são mais a solução para o que se têm buscado por parte dos jovens hoje. O fato é que a leitura se modificou, o modo de escrever se modificou, e a representação de modo geral também foi modificada. Nada disto está como antes e a escola precisa reconhecer estas transformações.

Em relação a isto, ele ainda afirma que “(...) o certo é que até agora a presença da tecnologia comunicativa e informática na escola não plasma transformações nem incentiva a inovação” (Ibid., p. 12). Sendo assim, a repercussão das mídias ainda é escassa na escola. Ainda voltada para o consumo das mídias, a escola deixa de produzir com elas dentro das aulas e as utiliza como “fogos de artifício” (FARBIARZ e FARBIARZ, 2008), preocupando-se pouco com a transformação das práticas de aprendizagem e ensino. Dessa forma, segundo Martín-Barbero (2014, p. 12), “em sociedades com as nossas, (...) a mentalidade escolar continua colocando a tecnologia não somente fora da sala de aula, mas também fora da cultura”, e complementa:

A crítica indispensável, tanto dos conteúdos com das formas de sedução dos meios audiovisuais, só será válida e socialmente eficaz quando a escola for capaz de inserir essa crítica em um projeto de mudança educativa de envergadura cultural. Entendo como tal, em primeiro lugar, um projeto que coloque a ideia de cultura com a qual a escola trabalha em nossos países para que comece a reconhecer as ciências e as tecnologias, tanto como dispositivos de produtividade como de transformação dos modos de perceber, de saber e de sentir. (Ibid., p. 56)

Tendo em vista as considerações dos autores neste tópico, responsabilizar apenas os profissionais da escola por este atraso não seria o correto. Afinal, junto está também todo um sistema econômico e político que pouco se preocupa com a inovação e, por isso, não oferece o suporte necessário. Assim, o sistema educativo ainda tem dificuldades de pensar nas mudanças culturais que refletem na educação através das relações entre os jovens - e também crianças - com os meios digitais e as novas tecnologias dentro e fora do cotidiano escolar.

## **2.1 O cotidiano, a mídia e a escola**

Alguns desafios são propostos à Educação diante do avanço da nova configuração comunicativa dos saberes, sobretudo saberes que estão fora da escola e que ela ainda rejeita,

deixando de fora suas discussões. No entanto, Martín-Barbero acredita que é a partir destes saberes que se pode compreender a importância das transformações culturais que permeiam a sociedade neste variável milênio. Segundo o autor, a escola está sendo desafiada pela Comunicação a tornar-se espaço de informação com um modo de socialização contemporâneo. Com isto, a proposta para uma pedagogia atual apresenta como ponto de partida as percepções de mundo dos educandos na vida cotidiana.

Segundo Heller (1992), a vida cotidiana é a vida do homem todo. É na vida cotidiana que o homem exerce a sua particularidade e “genericidade”. Deste modo, consideramos que todas as pessoas participam da vida cotidiana em todos os aspectos de sua individualidade e de sua personalidade. É na vida cotidiana que expressamos nossos sentidos, capacidades intelectuais, paixões, sentimentos, impressões, ideais e ideologias. Enquanto instituição social, a escola é parte da vida cotidiana de crianças, adultos, jovens e idosos. Na cotidianidade da escola somos sujeitos ativos e também receptivos, expomos e adquirimos conhecimentos formais e informais.

Sobre este tema, Certeau (1994) afirma que no cotidiano há uma elaboração sobre as informações que são recebidas. Recebemos informações de diversas mídias a todo instante e sobre elas fabricamos outros conhecimentos e ideias. O autor considera também que não se sabe ao certo o que os usuários fazem com aquilo que recebem. Assim, as mídias também podem influenciar nas atitudes (BARROS, 2013). Com isso, a mídia, no cotidiano da escola, poderá ter o papel de estímulo à leitura, interpretação e outra diversidade de possibilidades de aprendizagem, beneficiando o processo de ensino aprendizagem.

Em seus estudos, Goffman (2013) apresenta uma visão de cotidianidade que remete ao modo como muitas das crianças e jovens se representam em meio à vida cotidiana e, conseqüentemente, no cotidiano escolar. Segundo o autor, existem dois modos de expressividade do indivíduo: a que ele transmite (símbolos verbais) e a que ele emite (gama de ações), que é mais teatral e contextual. Para Goffman, o indivíduo se expressa não por uma resposta particular, mas na busca por uma aceitação ou aprovação do seu grupo ou posição social, o que se torna relevante para sua inclusão e para um convívio aparentemente mais homogêneo.

Interagir com o outro é, portanto, parte da vida cotidiana. E, conseqüentemente, além da troca de particularidades há também a relação intercultural. Em relação à interação entre culturas e linguagens, Martín-Barbero (2014) entende que a escola precisa proporcionar abertura e “reconhecimento” do outro e aos outros. Diante deste óbice, a escola pouco consegue conectar-se ao

que os alunos trazem de fora da escola: seus corpos, suas sensibilidades, seus anseios e suas raivas. Para o autor (Ibid., p. 141), o que assusta a escola não é necessariamente a instrumentalização das novas tecnologias, mas “as incertezas do nascimento de outros modos de estar juntos”, ou seja, de outra sociabilidade e a complexidade que neste novo modo de interagir traz. A escola ainda precisa aprender a lidar com tal realidade interacional na presença das novas tecnologias e, sobretudo, entender como as mídias funcionam e podem intervir na formação dos alunos.

Sobre o conceito de mídia, Setton (2011) compreende que se refere aos meios de comunicação de massa em geral, direcionados ao entretenimento, ao lazer e à informação. Abrangem também meios para divulgação de produtos e imagens, como celulares, jogos eletrônicos, TVs, componentes da informática e redes de comunicação, como a Internet. Para a autora, as mídias são “agentes de socialização” e podem assumir função educativa.

Para entender o processo de socialização apresentado por Setton, faz-se necessário explicitar seus dois eixos. O primeiro está direcionado ao condicionamento e imposição de valores e normas de conduta da sociedade com objetivo de moldar o comportamento individual. Sua vertente está voltada para o controle dos indivíduos. O segundo eixo apresenta a socialização como um conjunto de experiências, troca de conhecimentos e aprendizados entre todas as pessoas. Assim, a autora acredita que o processo de socialização será sempre “tenso e conflituoso”.

Destarte, a cultura das mídias faz parte de um processo socializador, por atos de produção, divulgação, promoção e recepção de mensagens. Assim, Setton afirma que os sistemas educativos, sendo grupos de indivíduos com práticas de socialização, expressam também diferentes visões de mundo, valores e comportamentos.

### 3 Os dispositivos móveis e seus aplicativos

A comunicação móvel no Brasil vem crescendo a partir do momento em que se faz presente nas diferentes classes sociais ao longo dos anos. Em pesquisa realizada pelo IBGE<sup>3</sup> (2011) sobre o acesso da população à Internet, foram visitados 146 mil domicílios e entrevistadas 359 mil pessoas. Dentre os resultados, no Brasil, o percentual de pessoas de 10 anos ou mais de idade que acessaram a Internet passou de 20,9% (31,9 milhões) em 2005 para 46,5% (77,7 milhões) em 2011.

<sup>3</sup> IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.



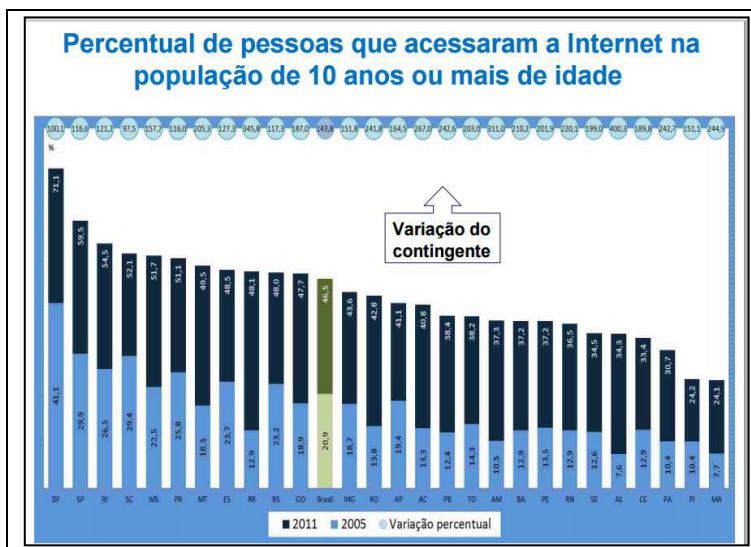


Figura 1: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios. Acesso à Internet e Posse de Telefone Móvel Celular para Uso Pessoal (Ibid.).

Na classe de rendimento mensal domiciliar *per capita* de mais de 3 a 5 salários mínimos registrou-se o maior percentual de internautas.



Figura 2: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios. Acesso à Internet e Posse de Telefone Móvel Celular para Uso Pessoal (Ibid.).

O acesso à Internet chega a 90,2% entre as pessoas com 15 anos ou mais de estudo.

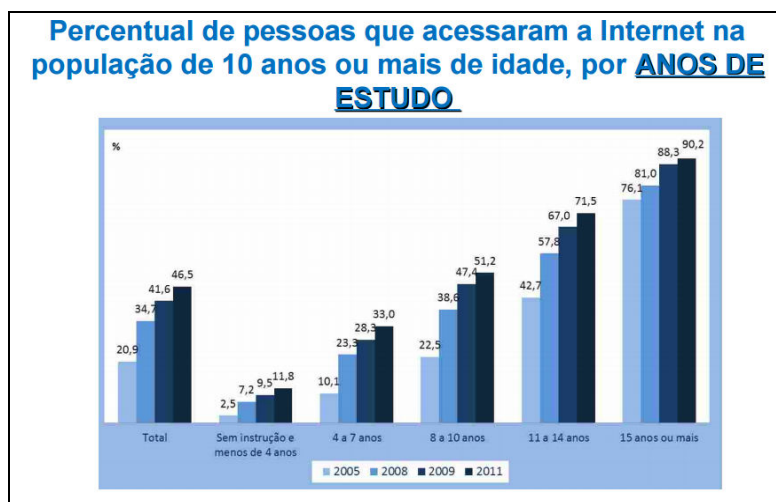


Figura 3: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios. Acesso à Internet e Posse de Telefone Móvel Celular para Uso Pessoal (Ibid.).

Entre os jovens, o percentual de internautas era ainda maior em 2005 e assim permaneceu em constante crescente até 2011.

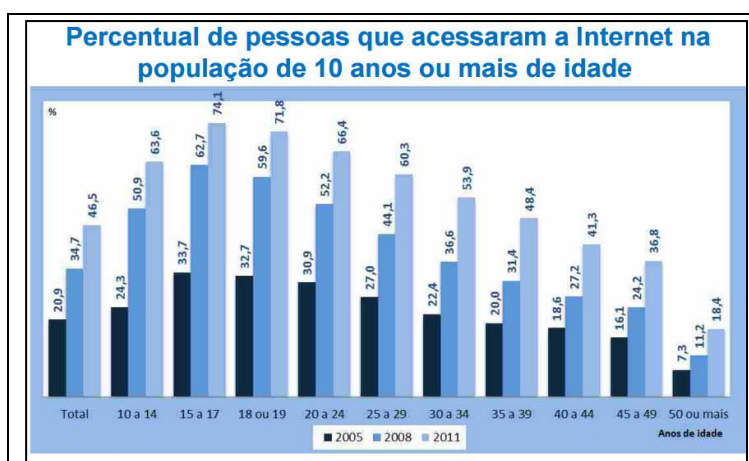


Figura 4: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios. Acesso à Internet e Posse de Telefone Móvel Celular para Uso Pessoal (Ibid.).

O acesso à Internet entre os estudantes de 10 anos ou mais de idade, que estudavam em

escola pública, passou de 24,1% para 65,8%, em um aumento muito mais expressivo do que o de alunos de escolas privadas.

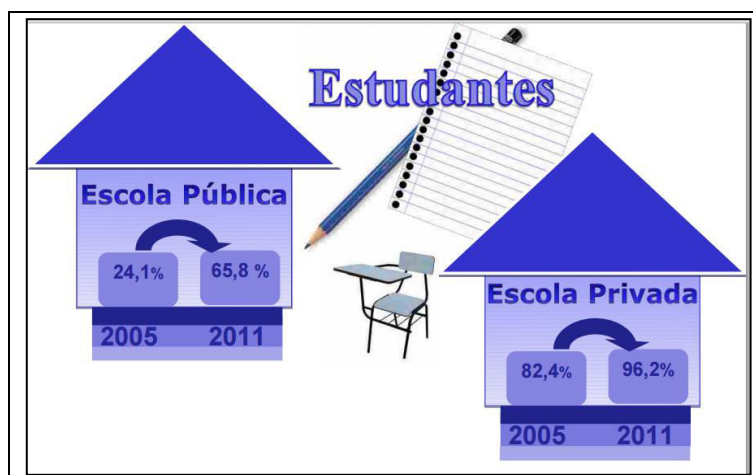


Figura 5: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios. Acesso à Internet e Posse de Telefone Móvel Celular para Uso Pessoal (Ibid.).

A partir dos dados da pesquisa realizada pelo IBGE é perceptível o avanço da conectividade à Internet nas populações com diferentes idades, anos de estudo, salários e escolas. Os brasileiros, na juventude, são os que mais acessam a Internet através dos dispositivos móveis, como vimos na Figura 4. E na escola pública o acesso progrediu significativamente entre 2005 e 2011 (Figura 5). Estes resultados demonstram que a comunicação móvel está presente na vida cotidiana dos brasileiros e nas mais diversas realidades, sobretudo na vida dos jovens de escola pública.

Um levantamento feito pela agência *Hello Research*<sup>4</sup> (2012), com 1.300 entrevistas pessoais, em 70 cidades do país, entre o final de setembro e outubro de 2012, mostra que um terço dos brasileiros acessou ao menos uma rede social nos últimos 90 dias. Futebol, religião, política, trabalho, novela, autoajuda, humor e sexo foram os assuntos mais compartilhados e procurados pelos brasileiros em diversas redes sociais (*Facebook, Twitter, LinkedIn, Twitter, MSN, Google Plus, Tumblr, Myspace e YouTube*), conforme mostra a pesquisa “Papo Social” realizada no ano de 2012. O *Facebook*, de acordo com o levantamento da *Hello Research*, foi a rede mais acessada por 84% dos participantes – o equivalente a 55 milhões de pessoas, especialmente nas classes sociais D e E -

<sup>4</sup> Disponível em: <<http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2012/12/um-terco-dos-brasileiros-e-arroz-de-festa-no-facebook-diz-estudo.html>> ou em: <<http://www.helloresearch.com.br/>>. Acesso em: 17/07/2015.

as classes mais populares.

O *WhatsApp* tem sido também uma rede social muito utilizada pelos jovens e adultos. Um estudo feito pela plataforma de pesquisa *Opinion Box*<sup>5</sup> (2015), baseado em 1.280 entrevistas online aplicadas através de questionários com pessoas de ambos os sexos, todas as idades e classes sociais, considerando todas as regiões do país, mostra que o *WhatsApp* tornou-se uma das redes sociais preferidas entre os brasileiros, ultrapassando o *Facebook*. Um estudo realizado entre agosto de 2014 a setembro de 2015 pelo *Target Group Index*, da *Kantar IBOPE Media*<sup>6</sup> em relação a aplicativos como o *WhatsApp*, 88% dos brasileiros que possuem *smartphones* utilizam um comunicador de mensagens instantâneas mensalmente. Dentre os usuários 45% concordam que a troca de mensagens de texto com alguém é tão eficaz quanto uma conversa ao telefone.

Uma pesquisa realizada pela Universidade *College London* (UCL) liderada pelo professor Daniel Miller, partiu com algumas perguntas como: “Por que publicar *selfies*<sup>7</sup> na Inglaterra e *footies*<sup>8</sup> no Chile? Por que a mídia social considerada uma distração para a educação na China rural, mas uma ajuda de aprendizagem valiosa no Brasil”? E como essencialmente Inglês somos nós quando se trata de nossa atividade de mídia social”? durante 15 meses e por oito países e comunidades variadas. O projeto de pesquisa de mídia social global *Why We Post*,<sup>9</sup> formada por vários antropólogos realizou análises aprofundadas sobre o tema e com populações locais sobre o modo como se comportam e interagem nas redes sociais e sobre como elas estão impactando suas vidas. Os resultados do projeto foram revelados pela UCL no dia 29 de fevereiro de 2016, com mais de 100 vídeos e 15 conclusões. De acordo com os resultados da pesquisa no Brasil as redes sociais se transformaram em espaços de aprendizagem, pois os jovens recorrem a conteúdos disponíveis nas redes para buscarem informações e as trocas de mensagens constantes têm ajudado na escrita e leitura.

## Considerações Finais

<sup>5</sup> Disponível em: <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/tecnologia/noticia/2015/05/whatsapp-e-o-app-preferido-dos-brasileiros-afirma-pesquisa-4765352.html>>. Acesso em: 21/09/2015.

<sup>6</sup> A *Kantar IBOPE Media* é líder de pesquisa de mídia na América Latina. Disponível em: <<https://www.kantaribopemedia.com/88-dos-brasileiros-que-tem-smartphone-trocaram-mensagens-instantaneas-nos-ultimos-30-dias-aponta-kantar-ibope-media-2/>>. Acesso em: 30/03/2016

<sup>7</sup> Na língua portuguesa trata-se de uma fotografia, geralmente digital, que uma pessoa tira de si mesma (autorretrato).

<sup>8</sup> Fotografia, geralmente digital, somente dos pés ou incluindo os pés.

<sup>9</sup> Disponível em: <<http://www.ucl.ac.uk/why-we-post>>. Acesso: 09/03/2016.

De acordo com os dados apontados anteriormente e diante da sofisticação dos modelos de celulares, foi possível constatar que as tecnologias móveis de comunicação ampliaram suas funções e aplicabilidades nas mais diversas situações sociais, principalmente entre os jovens. Os dispositivos móveis atuam para uma comunicação cada vez mais imediata, além de servirem como modo de entretenimento e contato com familiares e outros usuários através dos aplicativos de redes sociais. Assim, houve transformação no modo como os indivíduos lidam com o tempo e com o espaço através da utilização destes dispositivos (LEMOS 2009).

Segundo Serres (2013, p. 19), “Por celular, têm acesso a todas as pessoas”, “(...) pela primeira vez na história, as vozes de todos podem ser ouvidas” (Ibid., p. 69), e se expandem pelas redes. Deste modo, com o acúmulo de funções nos dispositivos móveis, sobretudo o celular, a conquista pelo espaço ficou ainda maior no cotidiano. Servem não apenas para a comunicação através da escrita e áudios, mas também para o armazenamento de dados e informações, entretenimentos, gerenciamento das atividades e das relações sociais e, sobretudo, ferramenta possível para o diálogo com a escola em relação ao ensino e aprendizagem. A partir das reflexões a escola por sua vez deve abordar a temática sobre o uso das mídias e pautar reflexões sobre as informações oriundas dos mais diversos meios midiáticos. Afinal, a escola está para educar e não apenas para ensinar os conteúdos.

## Referências

BARROS, Fernanda Ribeiro. **A mídia na educação**. 2013. 81 f. Trabalho de conclusão de curso. (Graduação em Pedagogia). Niterói: Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense, 2013.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes do fazer**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1994.

CITELLI, Adilson. (Org.) **Educomunicação**. Imagens do professor na mídia. São Paulo: Paulinas, 2012.

GOFFMAN, Erving. **A representação do Eu na vida cotidiana**. 19 ed., Petrópolis: Vozes, 2013.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Acesso à Internet e posse de telefone móvel celular para uso pessoal**. 2011. Disponível em:



14 a 16 de setembro de 2016  
UNIT - Aracaju-SE

ANAIS | ISSN: 2179-4901

<<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/acessoainternet2011/>>. Acesso: 12 de julho de 2015.

LEMOS, André. Arte e mídia locativa no Brasil. In:\_\_\_\_\_ LEMOS, André; JOSGRILBERG, Fabio (Orgs.). **Comunicação e mobilidade**: aspectos socioculturais das tecnologias móveis de comunicação no Brasil. Salvador: EDUFBA, 2009.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **A comunicação na educação**. Tradução: Maria Immacolata Vassallo de Lopes e Dafne Melo. São Paulo: Contexto, 2014.

MORAN, José Manuel. **A educação que desejamos**: novos desafios e como chegar lá. Campinas: Papirus, 2007.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

SERRES, Michel. **Polegarzinha**. Tradução Jorge Bastos. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

SETTON, Maria da Graça. **Mídia e Educação**. Mídias: Uma nova matriz de cultura. 1 ed., São Paulo: Contexto, 2011.

SODRÉ, Muniz. **Reinventando a educação**. Diversidade, descolonização e redes. Petrópolis: Vozes, 2012.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia; tradução de Wagner de Oliveira Brandão; revisão da tradução Leonardo Avritzer. 14 ed., Petrópolis: Vozes, 2013.